

**OS ESPORTES, ENQUANTO PRÁTICAS DE LAZER, SOB UMA  
PERSPECTIVA ESTÉTICA/LITERÁRIA: NOTAS ACERCA DOS CONTOS DE  
ERNEST HEMINGWAY (1920 – 1930)**

**Recebido em:** 08/08/2017

**Aceito em:** 10/05/2018

*Bianca Gutierrez Gianatti*<sup>1</sup>

*André Mendes Capraro*<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná

Curitiba – PR – Brasil

**RESUMO:** Utilizando-nos da literatura como fonte histórica, o que pretendemos no presente artigo foi investigar os esportes, enquanto práticas de lazer, descritas/representadas nos contos de Ernest Hemingway, publicados na década de 1920, sob uma perspectiva estética. Para tal usamos os preceitos de Antônio Candido para a análise literária, considerando tanto o texto como o contexto do autor nesse processo. Também usamos como referencial teórico Hans Ulrich Gumbrecht, para nos aproximarmos de uma perspectiva estética. Concluimos que, além das várias manifestações esportivas encontradas nos escritos do literato, parecia haver um reforço de um ideal de masculinidade vinculado aos esportes, possivelmente frequente no contexto histórico do escritor.

**PALAVRAS CHAVE:** Esportes. Estética. Atividades de Lazer.

**SPORTS, AS LEISURE ACTIVITIES, UNDER AN AESTHETIC/LITERARY  
PERSPECTIVE: NOTES ON ERNEST HEMINGWAY'S SHORT STORIES  
(1920-1930)**

**ABSTRACT:** Using the literature as a historical source, the aim of this article was to investigate the sports, as leisure activities, represented in the Ernest Hemingway's short stories, published in the 1920s, under an aesthetic perspective. We used Antonio Candido's precepts for the literary analysis, considering the relevance of the writer's text and context. We also used Hans Ulrich Gumbrecht as a theoretical approach to discuss esthetics ideas on sports. We concluded that besides the different sport practices, it also appeared to be a manliness ideal associated with the sports, probably usual in the author's context.

**KEYWORDS:** Sports. Esthetics. Leisure Activities.

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná

<sup>2</sup> Doutor em História e professor na Universidade Federal do Paraná.

## Introdução

Os esportes – enquanto fenômeno cultural – podem servir de pauta em diferentes manifestações artísticas. Por exemplo, no cinema (MELO, 2006; MELO, 2009a), na pintura (MELO, 2009b) e na música (RANCO, 2006; WISNIK, 2013), mas provavelmente o maior destaque seja a literatura. Essa arte nos possibilita outro olhar sobre as práticas esportivas, já que quem fala sobre elas é um ator social, normalmente, externo ao meio, e capaz de nos fazer refletir sobre questões além das já discutidas no ambiente técnico. Ou, ao menos, nos mostram como o fenômeno está sendo percebido por outro grupo, muitas vezes formado por praticantes amador e/ou espectadores. Diante disso, podemos compreender o esporte amplamente, como uma das práticas culturais mais significativas da sociedade contemporânea. Além disso, conforme reforça Derrida (2014, p. 98), um texto “[...] finca raízes na unidade de um contexto e, imediatamente, abre esse contexto não saturável para uma recontextualização. Tudo isso é histórico do começo ao fim. [...]”. Logo, temos a literatura como fonte histórica.

Conforme Sevchenko (2006), a transição entre os séculos XIX e XX promoveu uma ampla gama de mudanças comportamentais, principalmente nas grandes cidades e o esporte tonou-se uma prática bastante disseminada e associada a um estilo de vida vinculado ao novo ritmo acelerado imposto aos cidadãos. O término da Primeira Guerra Mundial também foi relevante para o aumento nas práticas esportivas que tiveram seu boom justamente entre as décadas de 1920 e 1930. Além disso, tal evento propiciou uma migração acentuada para determinadas regiões do globo.

Embora antes desse conflito alguns norte-americanos tenham visitado Paris, foi com o seu fim e com a queda da moeda francesa que a cidade das luzes tornou-se um local, além de glamoroso, também acessível. Conforme McAuliffe (2016), no ano de

1920 havia oito mil norte-americanos vivendo em Paris e em 1923, 32 mil. Esta cidade, portanto, no início do século XX, foi um local de convergência de escritores promissores – futuramente renomados –, que queriam absorver a cultura da vanguarda estabelecida nessa cidade (AUGUSTO, 2011). O norte-americano Ernest Hemingway, praticante e espectador de diversas modalidades esportivas foi um desses artistas.

Pretendemos no presente artigo investigar os esportes, enquanto práticas de lazer, descritas/representadas nos contos do autor, publicados na década de 1920, sob uma perspectiva estética. A escolha pelo período justifica-se, pois foi o do lançamento de sua carreira de literato, substituindo, gradativamente, a de jornalista, ou seja, foi o início de uma nova fase do renomado escritor norte-americano. Foi na década em questão que *In our time* e *Men without women*, suas duas primeiras coletâneas de contos, foram lançadas, em 1924 e 1927, respectivamente.

Quem minimamente conhece a produção literária do autor, sabe o quanto essa figura histórica referenciava uma diversidade de esportes em suas obras, desde o boxe, o esqui, e o beisebol, práticas mais convencionais e aceitas, até modalidades, como a caça e as touradas, dignas de questionamentos sobre serem ou não consideradas esportes (logicamente, debate atual e não daquela época). Hemingway foi influente no século XX – e ainda o é – ganhando inclusive o Prêmio Nobel de Literatura em 1954, por seu romance *Old man and the sea* (O velho e o mar), publicado em 1952. Influenciou não só a literatura, mas também a imagem de masculinidade que transmitia por meio de suas obras e seu comportamento (BRODY, 2014). Vale ressaltar a sua inserção em um contexto e a representação deste por meio de seu trabalho:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 2006, p. 30).

A partir disso, nos questionamos: como alguns esportes foram retratados nos contos escritos por Hemingway, nos anos 1920? E mais: o que podemos apreender sobre a estética relacionada aos esportes nessas representações?

Embora o estudo do esporte seja frequentemente vinculado a suas funções econômicas e políticas, queremos abordá-lo a partir de outro olhar, relacionado a questões de ordem estética. Segundo Gumbrecht (2007), é, justamente, o movimento humano observado pela dimensão da presença, e não do significado, que instiga os espectadores a apreciarem as *performances* esportivas. Diferentes fascínios atraem o olhar dos apreciadores dos esportes, desde os corpos dos atletas até a junção homem-instrumento, como ocorre em esportes como automobilismo e hipismo, por exemplo. Podemos pensar que questões de ordem estética também estimulam a prática esportiva e, mais especificamente, como atividade de lazer. Portanto, consideramos que relegar a importância da estética no estudo dos esportes seria abster-se de uma de suas principais características.

## **Metodologia**

Em 2015, a editora Bertrand Brasil publicou três volumes de contos de Ernest Hemingway. Além dos contos, o autor também escreveu romances e obras não ficcionais. Partindo da leitura dos três tomos, selecionamos, primeiramente, aqueles que mencionassem o esporte no roteiro. Em seguida, a fim de trabalhar com um momento histórico específico da vida do autor, escolhemos aqueles que foram publicados na década de 1920, período no qual Hemingway morou, principalmente, em Paris, um dos momentos mais relevantes para o início de sua produção literária (BRODY, 2014).

Dentre os 70 contos incluídos nos três volumes, onze abordaram a temática dos esportes e foram publicados originalmente na década de 1920, enquanto Hemingway estava em Paris. As primeiras publicações desses contos ocorreram em 1924, no livro *In our time* e em 1927, no livro *Men without women*. Presentes na coletânea de 1924 estavam: “Uma ideia contra o vento” (*The three-day blow*); “O lutador” (*The battler*); “Neve por toda a parte” (*Cross country snow*); “A volta do soldado” (*Soldier’s home*); e “O meu velho” (*My old man*). Da segunda coletânea: “Idílio alpino” (*An alpine idyll*); “Corrida de perseguição” (*A pursuit race*); “Os renitentes” (*The undefeated*); “Em outro país” (*In another country*); “Cinquenta mil” (*Fifty grand*); e “Uma história banal” (*Banal history*). Os esportes reproduzidos nesses contos foram o beisebol, o boxe, o esqui, o ciclismo, o hipismo, a tourada e o futebol.

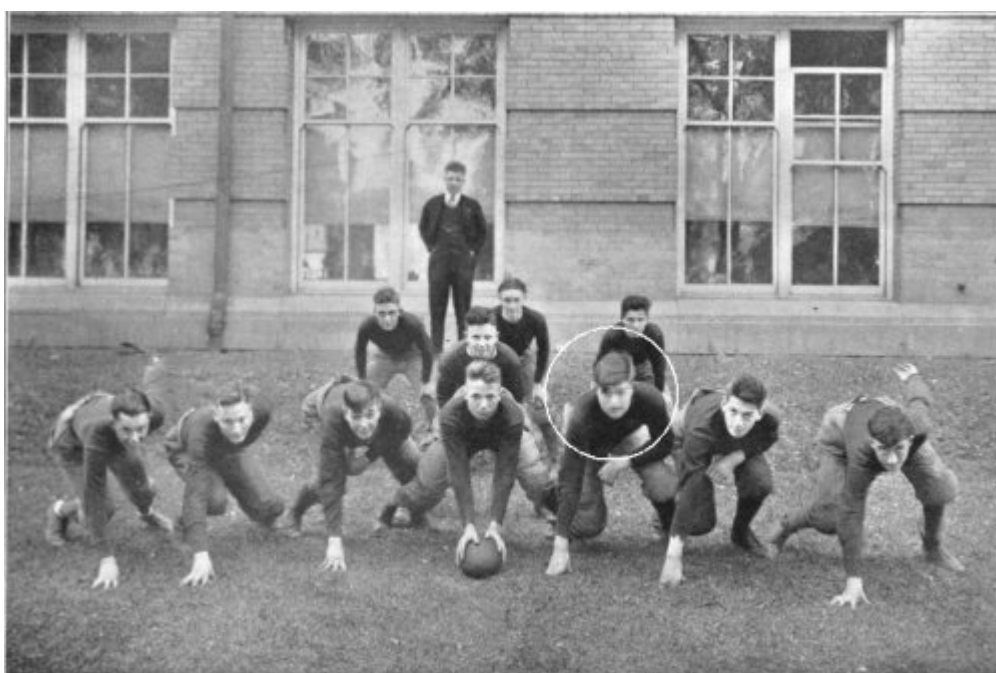
Para a análise dos contos utilizamos os preceitos de Antônio Candido (2006), segundo o qual se deve considerar o texto e o contexto em uma relação simbiótica, uma vez que a produção literária se orienta conforme os padrões de sua época, além de escolher certos temas, usar certas formas e, conseqüentemente, influenciar o meio no qual escreve (CANDIDO, 2006). Para refletir sobre as representações esportivas nos contos de Hemingway utilizamos também o referencial teórico de Hans Ulrich Gumbrecht – um famoso teórico literário ainda em atividade acadêmica – que discute também questões relativas ao esporte, mais especificamente sobre a estética da *performance* esportiva.

### **Os esportes nos contos de Ernest Hemingway**

Dentre os contos investigados, alguns foram definidos como autobiográficos, nos quais o personagem Nick Adams representava o autor. Mas, mesmo em outros

escritos menos autorais, é possível, diante de sua biografia, perceber sutis características autobiográficas. Talvez por isso, analisar a obra literária do autor seja outra forma de compreender a história de sua época. “[...] Num traço autobiográfico mínimo, pode estar reunida a maior potencialidade da cultura histórica, teórica, linguística e filosófica [...]” (DERRIDA, 2014, p. 62). Percebemos ao longo das análises que a maioria dos contos pode ser associada a algum momento específico vivido pelo escritor.

Figura 1 – Hemingway, em destaque, no time de futebol americano da escola.



Fonte: The Manhattan Rare Book Company. Disponível em:  
[http://www.theworldsgreatbooks.com/hemingway\\_yearbook.htm](http://www.theworldsgreatbooks.com/hemingway_yearbook.htm)

Ainda no colégio, Hemingway fez aulas de jornalismo. Como figurou entre os melhores alunos da turma, seu trabalho foi publicado no jornal da escola “*The trapeze*”. Após sua graduação, começou a trabalhar como repórter para o jornal “*The Kansas City Star*”. Portanto, antes de tornar-se um renomado escritor, foi jornalista (BRODY, 2014). Referências ao jornalismo são frequentes nos contos analisados e tanto a imprensa como

os esportes eram fenômenos culturais em ascensão na década de 1920. No conto “História banal”, um escritor lê um folheto que apresenta diversos assuntos:

Longe, em Paris, Mascart tinha posto Danny Frush em nocaute no segundo assalto. Mais longe, na Mesopotâmia, caíram sete metros de neve. Do outro lado do mundo, na distante Austrália, os jogadores ingleses de críquete afiavam seus wickets. Lá estava o romance (HEMINGWAY, 2015a, p. 136).

O esporte surge, portanto, como uma possibilidade de contar uma história, uma possibilidade de escrever e conhecer melhor o mundo, segundo o narrador do conto. Da mesma maneira, o esporte surgiu como possibilidade de narrativa para Hemingway, principalmente aquela que servia para reafirmar a masculinidade (tanto dos personagens como do próprio escritor).

Este começou a ter aulas de boxe aos 14 anos e em sua primeira luta teve o nariz quebrado e o olho lesionado permanentemente por seu oponente, que era quase um lutador profissional na época (BRODY, 2014). Portanto, considerando sua característica de escrever autobiograficamente, é compreendido o motivo de representar a modalidade dessa luta em alguns de seus contos. Na coletânea analisada, o boxe apareceu em “O lutador” e “Cinquenta-mil”.

Figura 2 – Hemingway treinando boxe.



Fonte: Michael Palin's Hemingway Adventures. Disponível em:  
<http://www.pbs.org/hemingwayadventure/boxing.html>

Nas duas narrativas são presentes características atribuídas ao gênero masculino e que eram difundidas por meio do esporte no período da Primeira Guerra Mundial a fim de disseminar um ideal de masculinidade (TERRET, 2011). Em “O lutador” Nick Adams conhece um ex-pugilista, Ad Francis, que possuía um rosto com diversas marcas: “[...] Ao clarão da fogueira, Nick viu que o rosto do homem era deformado. O nariz achatado, os olhos meros riscos, os lábios de forma estranha. [...] o rosto do homem era deformado e mutilado [...]” (HEMINGWAY, 2015a, p.52), ao longo da narrativa percebemos que as marcas do lutador decorreram de sua resistência nas lutas, de sua coragem em resistir ao oponente, mesmo que estivesse em desvantagem “Eu



aguentei firme – disse o homem – Acha que não aguentei garoto [...] Todos arrebetaram as mãos em cima de mim, mas não conseguiram me machucar [...]” (HEMINGWAY, 2015a, p. 52). O momento em que Hemingway escreveu o conto foi logo após a Primeira Guerra Mundial, período no qual, mesmo com a intensa disputa entre as principais nações europeias, o boxe vivia seus anos dourados, talvez, justamente, por simbolizar o ideal de guerreiro que havia sido necessário durante o conflito bélico que acabara há poucos anos.

No conto “Cinquenta-mil” a narrativa acompanha um período que antecede uma disputa do pugilista Jack que iria competir com um atleta mais forte do que ele. É possível que as lembranças do próprio Hemingway, quando perdeu sua primeira luta para alguém melhor preparado do que ele, tenham servido de inspiração para o texto. Novamente surge a questão das marcas do lutador, decorrentes da violência da modalidade: “Depois de uns quatro rounds, Jack o deixa sangrando muito, com o rosto todo cortado; mas, a cada vez que Walcott chega perto, solta golpes tão fortes que Jack já tem duas grandes manchas vermelhas de ambos os lados, abaixo das costelas.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 251). Pensando a década de 1920 junto a seu nível de civilidade, entendemos que a agressividade narrada era compatível com as ideias associadas à virilidade, à força e à resistência (à dor) que deveriam estar presentes no corpo do pugilista e, mais ainda, representavam uma forma de masculinidade predominante.

Junto ao boxe, as touradas pareciam condizer com esse mesmo ideal de masculinidade nos contos de Hemingway. Gumbrecht (2007) as considera como duas práticas que atraem os espectadores porque representam a intimidade com a morte. Na década de 1920, ambas as práticas eram valorizadas e atraíam multidões. Durante o ano

de 1923, mais especificamente em junho, Hemingway viajou para a Espanha, local no qual teve contato, pela primeira vez, com as touradas. Na viagem fez anotações sobre uma variedade de informações vistas no país, como era seu costume, mas principalmente sobre a modalidade, o que inspirou a escrita de seu primeiro romance *The Sun also rises*, publicado em 1926 (MCAULIFFE, 2016). Também, na coletânea de contos analisada, há o texto “Os renitentes” sobre um toureiro, Manuel Garcia, e seu desejo por continuar participando dos eventos, mesmo não tendo credibilidade no meio por causa de sua idade avançada. No enredo, referências à virilidade são frequentes. Por exemplo, ao saber que o touro que enfrentaria era grande e com chifres enormes, Manuel declarou que “[...] Não faz mal [...] quanto maiores, mais carne para os pobres.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 158). Em outro momento, o narrador conta que um *banderillero*<sup>3</sup> sentiu-se orgulhoso de ter seu colete rasgado pelo touro e “[...] considerou o rasgão um troféu, e o mostrou à assistência.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 170). A coragem do toureiro apareceu como característica “No centro da arena, sob as luzes, Manuel se ajoelhava de frente para o touro; [...]” (HEMINGWAY, 2015b, p. 174), bem como sua capacidade de resistir bravamente, pois após sofrer três agressões do animal, Manuel, debilitado, lutou até o final e “[...] tirou a espada da muleta, mirou com o mesmo movimento e enfiou-a no touro. Sentiu que a espada entrava.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 180).

Um aspecto das touradas descrito na narrativa é sua relação com a agressividade tanto do touro como da equipe – toureiro, *banderilleiros* e picadores<sup>4</sup>. E, inclusive, é algo que atrai o público, conforme o comentarista que irá escrever sobre o evento

---

<sup>3</sup> Integrante da equipe do toureiro que deve desgastar o touro ao espetar bandeiras pontiagudas no animal.

<sup>4</sup> Picadores, montados a cavalo, vão em direção aos touros, em momentos específicos da disputa, para picá-los com uma ferramenta pontiaguda e cansar o animal. Assim o toureiro não fica em desvantagem, já que a recuperação deste é mais lenta do que a do touro.

“Grande e de chifres suficientes para satisfazer os pagantes, Campagnero mostra inclinação para invadir o terreno dos toureiros.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 162). Diante do animal feroz, o *banderilleiro* age agressiva e violentamente “[...] fincou as *banderillas* verticalmente no músculo da pá quando o touro passou sem atingi-lo.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 169). Logo após o conflito da guerra, quando multidões apreciavam as touradas, assim como Hemingway, o nível de civilidade permitia um grau de violência elevado, o que indica que os padrões de autocontrole e tolerância são socialmente construídos (ELIAS, 2001).

Figura 3 - Hemingway com um touro, na década de 1920.



Fonte: Michael Palin's Hemingway Adventures. Disponível em:  
<http://www.pbs.org/hemingwayadventure/spain.html>

Um conto que especifica o momento da guerra é o “Em um outro país”, narrado por um combatente que foi ferido e ficou com uma seqüela no joelho e na perna. A história é similar ao que ocorreu com o próprio Hemingway, em 1918, quando foi para a Itália, durante a Primeira Guerra Mundial, atuar como motorista de ambulância, ou seja, novamente o autor se faz presente na própria obra. Hemingway sofreu um acidente e precisou de uma cirurgia de emergência, passando um período de recuperação em um hospital italiano (BRODY, 2014). Como afirma Nascimento (2014, p. 23), “[...] a

experiência literária se faz por um trânsito entre as instâncias da invenção, recepção e reinvenção da experiência originária do escritor, convertida em letra.”. No conto, o narrador ia ao hospital frequentemente conversar com o médico e com outros soldados lesionados. A seguir, uma conversa entre médico e paciente:

- Do que você mais gostava de fazer antes da guerra? Praticava algum esporte?
- Futebol – respondi.
- Ótimo. Você vai poder jogar futebol novamente melhor do que antes (HEMINGWAY, 2015b, p. 184).

Na narrativa, aparece a preocupação com a recuperação completa do indivíduo. O médico, ao falar com o narrador, continua: “Tudo isso vai passar. Você é um jovem de sorte. Vai voltar a jogar futebol [americano] como campeão” (HEMINGWAY, 2015b, p. 184). A referência ao esporte ocorreu provavelmente porque este estava em ascensão durante as primeiras décadas do século XX, tanto como espetáculo fascinante ao público, como prática amadora e servia como uma forma de lazer.

Hemingway, como já dito anteriormente, praticava diversas modalidades e dentre elas o esqui. Ele costumava viajar para os Alpes, durante o inverno, enquanto viveu na Europa, para descansar e divertir-se com sua esposa e amigos (BRODY, 2014). Nesse mesmo momento histórico, mais especificamente em 1924 foram criados os primeiros jogos olímpicos de inverno, devido ao aumento da popularidade do esqui de fundo e de descida de montanha. Conforme Candido (2006), um dos momentos da produção artística é a sua orientação segundo padrões de sua época, que influencia a escolha das temáticas. Como ainda era jovem, Hemingway apresentava representações literárias do seu próprio tempo. O esqui é retratado em dois contos: “Neve por toda a parte” e “Idílio Alpino”.

Figura 4 - Hemingway, Hadley e Bumpy esquiando nos Alpes.



Fonte: Obvius. Disponível em: [http://lounge.obviusmag.org/reverb\\_lounge/2012/04/hadley-ernest.html](http://lounge.obviusmag.org/reverb_lounge/2012/04/hadley-ernest.html)

Em “Neve por toda a parte”, Nick Adams, ao esquiador, tem momentos de prazer e este se vincula a uma prática que envolve risco:

A velocidade e os corcovos da descida íngreme apagaram tudo da mente de Nick e só lhe deixaram a sensação maravilhosa de voar. Pegou uma subida suave e de repente pareceu que não tinha mais neve debaixo dos esquis quando pegou outra descida até o fim derradeiro do declive. Agachado quase como se sentasse nos esquis, tentando manter baixo o centro de gravidade, a neve passando como tempestade de areia, ele percebeu que a velocidade era excessiva. Mas a manteve. Não ia afrouxar e derrapar (HEMINGWAY, 2015a, p. 79).

O final do excerto demonstra que “afrouxar e derrapar” não seria a melhor atitude a ser escolhida, principalmente por questões físicas.

Porém, um trecho de neve fina, amontoada pelo vento numa depressão, fez com que ele derrapasse, e ele rolou várias vezes com os esquis se batendo, sentindo-se como um coelho ferido; até que parou, as pernas cruzadas, os esquis para cima e o nariz e as orelhas entupidas de neve (HEMINGWAY, 2015a, p. 80).

Esquiar, portanto, aparece como um esporte que demanda coragem e que, poderia servir como uma forma de o homem sentir-se guerreiro, capaz de enfrentar as adversidades impostas pela natureza, da mesma forma que ele a teria enfrentado durante a guerra. Outra característica da prática do esqui é que pode ser um divertimento compartilhado, como percebido na sequência do conto, quando o narrador descreve a descida conjunta de Nick e seu amigo Georges. Além disso, no fragmento abaixo, fala de Georges, percebemos a retomada do esporte como uma forma de lazer:

Preciso instruir-me, Mike. Seria bom se pudéssemos fazer uma farra juntos. Pegar nossos esquis e embarcar num trem para onde tenha boas pistas, hospedar-nos em estalagens, atravessar o Oberland e subir o Valais, pegar o Engadine, levar apenas ferramentas e o bom sortimento de suéteres e pijamas nas mochilas e mandar às favas o estudo e tudo o mais (HEMINGWAY, 2015a, p. 83).

Interessante que, embora seja conhecido que Hemingway ia esquiar nos Alpes suíços com sua esposa Hadley – além de outros amigos (BRODY, 2014) – não há referências a mulheres esquiando em seus dois contos. Talvez porque fosse uma prática predominantemente masculina já que exigia bravura, segundo valores da época. É necessário lembrar que as mulheres começaram a ser aceitas em jogos olímpicos, apenas a partir de 1912 (GUMBRECHT, 2007). No esqui, as primeiras participações femininas olímpicas ocorreram apenas em 1936, na Baviera, em provas da modalidade de esqui alpino.

Em “Idílio Alpino”, o narrador está em plena primavera, momento não ideal para esquiar, pois “[...] a neve só era boa de manhã cedo e depois no fim da tarde. O

resto do tempo ficava prejudicada pelo sol. Estávamos cansados do sol. Não havia como escapar dele [...]” (HEMINGWAY, 2015a, p. 117). É possível que, por isso, o narrador, após um mês esquiando, tenha enjoado da prática: “[...] Ainda bem que há outras coisas além de esqui [...].” (HEMINGWAY, 2015a, p. 117). Da perspectiva do praticante, o esporte servia como uma forma de lazer, assim como outras atividades como beber e conversar com seus amigos.

Segundo Terret (2011), os esportes eram praticados pelos soldados durante a guerra como prática de lazer, a fim de entretê-los e promover o bem estar. Durante sua estada na Primeira Guerra Mundial, embora Hemingway não tenha atuado diretamente como combatente, jogava beisebol e nadava com outros oficiais (BRODY, 2014). O beisebol surgiu em alguns fragmentos dos contos analisados. Em “A volta do soldado”, que conta a história de um combatente de guerra, que retorna a sua cidade e a sua família, mas tem dificuldades para reestabelecer-se, é apresentada a questão da mulher nos esportes. Abaixo o diálogo entre o soldado que retorna à casa, Harry Krebs, e sua irmã:

- Vamos jogar em quadra coberta no colégio hoje – disse a irmã. – Vou ser lançadora.
- Ótimo. Como está o time?
- Lanço melhor do que a maioria dos rapazes. Passo a eles tudo o que você me ensinou. As meninas são fracas (HEMINGWAY, 2015b, p. 118).

Na década de 1920, as mulheres ainda passavam por um processo com muitas restrições quanto à inserção nos esportes<sup>5</sup>. No conto, parece haver um reforço, dessa incapacidade das mulheres em ter bons desempenhos na modalidade, pois apenas a irmã

---

<sup>5</sup> Especificamente sobre o beisebol, ainda hoje não são totalmente aceitas, e frequentemente jogam uma modalidade similar, o softbol. Distingue-se em tamanho de bola, de taco, de quadra, maneira de arremessar, parecendo mais apropriada para um público com menor capacidade física de força.

do narrador, segundo ela mesma, é forte o suficiente para o esporte, ou seja, ela é a exceção.

Em “Uma ideia contra o vento”, Nick Adams – o notório alter ego infanto-juvenil de Hemingway – e seu amigo Bill reúnem-se para beber e conversar sobre uma variedade de assuntos, dentre eles bebidas, literatura, seus pais, casamento e mulheres. Ao longo da narrativa surgem como assuntos algumas modalidades esportivas como a pesca, a caça e o beisebol. Sobre este, começam a discutir enquanto leem no jornal informações sobre jogos. Em determinado momento comparam o beisebol e a pesca e o amigo de Nick, Bill, fala que a pesca é melhor que o beisebol e diz que este é para panacas. O motivo para tal comparação pode estar relacionado ao nível de agressividade de cada prática, já que encontramos na análise dos contos de Hemingway uma recorrência dos esportes vinculados a um ideal de masculinidade. A pesca envolve uma disputa entre um homem e um animal, até que este seja capturado. O beisebol sempre foi considerado o menos agressivo dos esportes populares nos Estados Unidos da América, pois conforme Gumbrecht (2007), no geral, quanto menor o controle que existe sobre a bola, menor será a agressividade, já que o jogador precisará concentrar-se na sua ação com a bola mais do que em seus adversários. Ao conectarmos a análise dos dois contos que falam sobre beisebol, portanto, percebemos que esse não parece representar a masculinidade ideal para Hemingway e, talvez por isso, seja passível de ser praticado por uma mulher.

Outra modalidade que, no início do século XX, atraía diversos espectadores eram as corridas de cavalos, o turfe (MELO, 2001). E Hemingway também teve contato com a prática em sua estada em Paris, durante o ano de 1922. Adquiriu, portanto, conhecimento para escrever, nos seus primeiros meses na França, o conto “O meu



velho” (BRODY, 2014). A história é sobre um garoto que narra a relação com seu pai, um jóquei, e o que aprendeu sobre a modalidade ao longo dos anos que o acompanhou nos eventos. O narrador ressalta o turfe como um espetáculo, o qual emociona o espectador “Quem está na arquibancada com um binóculo só vê os cavalos disparando, ouve a sineta e pensa que ela vai ficar tocando por mil anos e logo os cavalos aparecem voando na curva. Nada é mais emocionante para mim.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 131). Junto ao espetáculo esportivo, as corridas de cavalos eram permeadas pelas apostas e para o narrador poderiam compensar o ato de assistir à modalidade, diante de uma derrota: “De tanto me concentrar na corrida, eu tinha esquecido quanto o meu velho apostara no Kircubin. Queria tanto que Kzar ganhasse. Mesmo assim era um consolo saber que tínhamos apostado no vencedor.” (HEMINGWAY, 2015b, p.138). Ao longo da narrativa o garoto explica a diferença entre as disputas no período anterior, da Primeira Guerra Mundial: “[...] quando havia corridas regularmente no sul da França sem prêmios em dinheiro nem apostas, nem grande assistência, era só pra manter os cavalos em forma.” (HEMINGWAY, 2015b, p. 140).

A cultura, bem como a popularidade das corridas de cavalos em Paris é narrada da seguinte maneira:

[...] Mas fiquei gostando de Paris, pelo menos de uma parte, e digo uma coisa: tem os melhores hipódromos do mundo. Até parece que isso é a razão de ser da cidade e o que se vê todos os dias são ônibus levando gente para qualquer hipódromo onde tenha corrida (HEMINGWAY, 2015b, p. 133).

Além disso, o próprio jóquei era reconhecido na sociedade parisiense:

Esses caras vinham à nossa mesa e meu velho brincava com eles. Ele falava francês como falava inglês e esse pessoal todo o conhecia, jóquei se conhece de longe e ficávamos sempre na mesa e eles se acostumaram a nos ver nela (HEMINGWAY, 2015b, p. 138-139).

A partir da análise, podemos pensar que nesse período estava o primórdio da figura célebre do sportista. Outro ponto ressaltado pelo narrador é a participação dos cavalos na modalidade esportiva:

Eu era maluco também pelos cavalos. Há qualquer coisa de mágico quando eles saem para tomar seus lugares no posto de partida. Parece que vão dançando imponentes com o jóquei no comando das rédeas às vezes afrouxando-a um pouquinho para os cavalos apressarem os passos (HEMINGWAY, 2015b, p. 131).

O vínculo jóquei-cavalo é percebido e reforça a ideia de Gumbrecht (2007) de que esportes com animais (desde o século XIX) ou máquinas (já a partir do XX) exercem um fascínio no espectador devido, justamente, a conexão atleta-instrumento, que se tornam um só e, por isso, o atleta tem seu desempenho aprimorado.

O último conto analisado, “Corrida de perseguição”, é sobre as corridas de bicicleta, esporte muito apreciado na Europa nesse momento histórico. Conforme Coelho (2013), no final do século XIX o ciclismo já era o esporte mais popular da França e o maior evento de ciclismo, o *Tour de France*, surgiu em 1903. O conto discorre sobre William Campbell, um atleta que foi alcançado durante uma disputa e, por isso, não foi vencedor. Ele sofre com a derrota e busca alternativas para superar a dor da perda. O atleta encontra-se em um quarto de hotel, sobre efeito de álcool e outras drogas e Turner, seu agente, tenta motivá-lo: “Você não pode desistir nessa idade e ficar bombeando essas coisas para dentro só porque está com problemas.”; “O que quero dizer é que você precisa lutar contra isso.” (HEMINGWAY, 2015a, p. 128). A ideia de superação, de controle sobre si mesmo e a capacidade de restringir as próprias emoções – no caso, a dor pela perda – fazem-se presentes e, novamente, remetem a uma masculinidade que era a almejada naquele contexto de Hemingway. Inclusive, podemos pensar que a recorrência pela temática da derrota, em mais de um conto analisado,

decorreu das próprias perdas do autor e do que ele observava em seu meio, desde sua infância até a década de 1920, quando escreveu as coletâneas analisadas.

### **Considerações Finais**

Embora circunscrito a uma fase da produção literária, a década de 1920, período no qual viveu essencialmente em Paris, é possível perceber o quanto os esportes estavam presentes na vida de Ernest Hemingway. Tanto que, transcendendo a condição de mero assunto, com frequência esses figuram nos escritos autobiográficos. O autor nasceu em 1899 e, portanto, desde sua infância, viveu em um contexto de transformações vinculadas à Revolução Científico-Tecnológica, a partir da qual o esporte foi eficiente em adaptar os indivíduos às novas exigências impostas pelo ritmo acelerado da sociedade. Existia, nesse momento, uma ética da ação, por meio da qual as pessoas deveriam engajar-se corporalmente para “plena realização do destino humano” e uma forma de ação era o esporte. Na década de 1920, logo após a Grande Guerra, os esportes ascenderam ainda mais e estimulavam um ideal de culto ao corpo e a mente, além de possibilitar a visibilidade e a distinção dos indivíduos no contexto social (SEVCENKO, 2006). Na análise literária dos contos de Hemingway, percebemos que os esportes estiveram vinculados também a um ideal estético de masculinidade, com características como força, resistência, coragem e virilidade. Muito provavelmente, no período da Primeira Guerra Mundial, os homens, principalmente os combatentes, precisassem mostrar-se fortes e másculos diante das condições a que estavam submetidos.

Podemos também perceber que Hemingway, além de escrever sobre um ideal estético, assumia esse ideal para si. Ele não apenas escrevia sobre os esportes que

exigiam coragem, bravura e força, mas também os praticava ou os assistia com frequência. Desde muito cedo, aderiu às práticas esportivas. Aos três anos ganhou sua primeira vara de pescar e aos dez sua primeira arma de caça; aos 14 anos iniciou aulas de boxe. Já adulto, continuou fascinado pelo boxe; em Paris, 1922, descobriu as corridas hípicas; durante sua estadia na Europa, na década de 1920, as viagens aos Alpes para esquiar eram recorrentes; na Espanha era espectador assíduo das touradas; em momentos de lazer praticava tênis; e a pesca e a caça também eram alguns de seus passatempos (BRODY, 2014). Assumia ainda outros comportamentos indicativos de uma virilidade. Desde a juventude buscava participar de eventos de aventura que, no mínimo, exigiam coragem. Dentre esses se incluem as próprias guerras mundiais. Por exemplo, participou como motorista de ambulância na Primeira Guerra Mundial porque se voluntariou para tal e, ainda, queria ir ao *front*, sentia que apenas dirigir não era suficiente (BRODY, 2014). Outra característica de Hemingway, que podemos vincular a uma masculinidade, foi sua relação com diversas mulheres e a consumação de quatro casamentos ao longo e de seus 61 anos, dos quais resultaram três filhos (um do primeiro casamento e dois do segundo).

## REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, S. **E foram todos para Paris**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- BRODY, P. **Hemingway in Paris: A biography of Ernest Hemingway's formative Paris years**. LifeCaps, 2014.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- COELHO, RC. **Os franceses**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- DERRIDA, J. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ELIAS, N. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GUMBRECHT, H.U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HEMINGWAY, E. **Contos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Contos, v.2**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015b.

MCAULIFFE, M. **When Paris sizzled**: The 1920s Paris of Hemingway, Chanel, Cocteau, Cole Porter, Josephine Baker, and their friends. Lanham: Rowman & Littlefield, 2016.

MELO, V.A. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cinema e esporte**: diálogos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

\_\_\_\_\_. **Esporte e cinema**: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Esporte, lazer e artes plásticas**: diálogos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009b.

NASCIMENTO, E. Introdução: A literatura à demanda do outro. IN: DERRIDA, J. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 7-41.

RANCO, C. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). IN: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.P. **Memória social dos esportes**. Rio de Janeiro: Maud/Faperj, 2006. p. 187-228.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do rio. IN: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 513-619. v. 3

TERRET, T. American Sammys and French Polius in the Great War: Sport, Masculinities and Vulnerability. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, n. 3-4, p. 351-371, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2011.544859> . Acesso em: 18 mar. 2017.

WISNIK, J.M. **Veneno rémedo** – o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

### **Endereço dos Autores:**

Bianca Gutierrez Gianatti  
Rua Dias da Rocha Filho, 1253

Curitiba – PR – 80.045-335

Endereço Eletrônico: [biancaggianatti@yahoo.com](mailto:biancaggianatti@yahoo.com)

André Mendes Capraro

Rua Coração de Maria, 92

Curitiba – PR – 80.215-132

Endereço Eletrônico: [andrecapraro@onda.com.br](mailto:andrecapraro@onda.com.br)